

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA –UNILAB

CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO EM HUMANIDADES

**RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:
O RETROCESSO DE MOVIMENTOS SINCRÉTICOS.**

JOSÉ WILSON COSME DE MESQUITA JÚNIOR

REDENÇÃO

2014

JOSÉ WILSON COSME DE MESQUITA JÚNIOR

**RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:
O RETROCESSO DE MOVIMENTOS SINCRÉTICOS.**

Trabalho de Conclusão de curso - TCC
Apresentado como requisito para a obtenção de
título de Graduado no Curso de Bacharelado em
Humanidades, da Universidade da Integração
Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB, sob a orientação do Professor Doutor
Robson Rogério Cruz.

REDENÇÃO

2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos– CRB-3 / 1219

- M543r Mesquita Júnior, José Wilson Cosme de.
Religiões afro-brasileiras: o retrocesso de movimentos sincréticos. / José Wilson Cosme de Mesquita Júnior. – Redenção, 2014.
38 f.: il.; 30 cm.
Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.
Orientador: Prof. Dr. Robson Rogério Cruz.
Inclui figuras e referências.
1. Cultos afro-brasileiros. 2. Religiões afro-brasileiras. I. Título.

CDD 299.67

JOSÉ WILSON COSME DE MESQUITA JÚNIOR

**RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:
O RETROCESSO DE MOVIMENTOS SINCRÉTICOS.**

Trabalho de Conclusão de curso - TCC
Apresentado como requisito para a obtenção de
título de Graduado no Curso de Bacharelado em
Humanidades, da Universidade da Integração
Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB, sob a orientação do Professor Doutor
Robson Rogério Cruz.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Robson Rogério Cruz – UNILAB (Orientador)

Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza – UNILAB (Examinador)

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos – UNILAB (Examinador)

Dedico esse momento em minha vida e a realização dessa pesquisa a minha mãe Antônia Cezar de Souza Mesquita que sempre acreditou nesse trabalho. Dedico a você mãe que sempre me ajudou e me encorajou a construir esse sonho e ainda mais que isso, a poder torná-lo real.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela força de sempre e pela inspiração em me ajudar a realizar esse TCC.

Agradeço também a minha família que me apoiou em todos os momentos na caminhada da graduação, destacando: Minha mãe Antonia Cezar de Souza Mesquita (Suzana), meu pai José Wilson Cosme de Mesquita, à qual possuo o imenso orgulho de poder levar o seu nome e ao meu irmão Antonio Wilder Cezar de Mesquita.

Obrigado aos meus amigos que me ajudaram incessantemente, destacando: Luzyanne Maria da Silva, Luanisia Brulino, Samara Araújo Pessoa, Valdélia Freitas, Kelly Maria, Leá Bezerra. E também aos que de forma indireta também me deram força.

Aos meus professores Américo Souza, Léia Menezes, Isabel Cristina e Vera Rodrigues, que sempre acreditaram na minha capacidade como estudante e acima de tudo como pessoa.

Agradeço ao meu professor e amigo Newton Malveira Freire, que contribuiu para tudo o que sou hoje, principalmente a discernir em qual área eu deveria seguir profissionalmente.

E ao meu Orientador Robson Rogério Cruz, que não poderia deixar de prestigiar pelas valorosas intervenções nessa pesquisa.

“Ser livre é conseguir flutuar entre a diversidade e a multiplicidade, sem perder a própria identidade.”

Dimos Iksilara

Resumo

Este TCC analisa a problemática sobre as questões envolvidas a respeito das religiões afro-brasileiras, destacando: Candomblé e Umbanda em meio às formas de pensamentos sobre o que são? Como se comportam? E os movimentos referentes às mesmas ao longo da história, desde o período colonial. Foi desenvolvido com o propósito de levar conhecimentos a mais sobre o sincretismo afro-católico e as relações antissincreticas a partir do movimento citado anteriormente. A partir disso podemos entrar em um novo ambiente de estudo que seria a dessincretização e reafrikanização dos terreiros de Candomblé como tentativa de "purificar" a religião voltando o olhar para as tradições africanas, ou seja, levando o pensamento para África e importando aquilo que, segundo os Sacerdotes, havia sido excluído das correntes religiosas do Candomblé. Com a introdução a esse tema temos o objetivo geral que a melhor compreensão sobre esses movimentos negros de legitimação cultural que muitas vezes passam por desconhecidas a Nação. Por meio de leituras, pesquisas e referenciais teóricos são possíveis compreender melhor todas as análises e encontrar um fio condutor a cerca dos estudos evidenciados nesse trabalho. A fim de evidenciar e argumentar questões de etnicidade é que me proponho a esta análise interpretativa que ajudará a desvendarmos marcas históricas sobre nossa cultura que contribuíram para o que se tornou essa diversidade existente no Brasil.

Palavras Chave: Religiões, Afro-brasileiras, Sincretismo, Dessincretização, Reafricanização.

ABSTRACT

This TCC examines the problematic of the issues involved regarding Afro-Brazilian religions, highlighting: Candomblé and Umbanda among the forms of thoughts about what they are? How do they behave? And referring to the same movements throughout history, from the colonial period. Was developed with the purpose of taking the most knowledge about the Afro-Catholic syncretism and anti-syncretical relations from the aforementioned motion. From this we can get into a new learning environment that would be de-syncretization and reafrikanization of Candomblé as an attempt to "purify" the religion returning his gaze to African traditions, ie, taking thought for Africa and importing what, according to the priests, had been excluded from the Candomblé's religious network. With the introduction to this theme have the overall goal of better understanding these black movements of cultural legitimacy that often go unknown by the Nation. Through readings, research and theoretical frameworks are possible to better understand all analysis and find a thread about the studies highlighted in this work. In order to demonstrate and argue issues of ethnicity is what I propose to this interpretive analysis that will help unraveling historical marks on our culture that contributed to what became this diversity in Brazil.

Key words: Afro-Brazilian Religions, Syncretism, De-sincretization, Reafrikanization

Sumário

Introdução	10
Capítulo 01 : Que Religiões são essas?	13
1.1 Breviário sobre as religiões afro-brasileiras.	13
1.2 O sincretismo afro-católico	21
Capítulo 2: Mudar e ressignificar. A luta pela volta da tradição	26
2.1 (Re)Africanizar e (De)ssincretização: Dessincretização do Candomblé	26
2.2 Processo de Reafricanização	29
Considerações Finais	34
Referências Bibliográficas:.....	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é sobre os movimentos de dessincretização e reafricanização das religiões afro-brasileiras, em especial o Candomblé. Partindo primeiramente de notas e análises introdutórias a respeito das religiões que mais influenciaram o culto afro em terras brasileiras. As análises encontram-se divididas ao longo do estudo por meio de cada subtema explorado, em cada capítulo que nos aprofunda em reflexões desde o sincretismo até a reafricanização.

A ideia de fazer um estudo sobre esse assunto surgiu pelo fator predominante de que mesmo que saibamos alguma coisa sobre as religiões de matriz africana ainda assim nos deparamos com visões estereotipadas sobre as mesmas, o que leva infelizmente a conclusões precoces sobre o que de fato é e como se comporta cada uma em nosso território, tido como democrático. Compreender e transcender os conceitos teóricos, históricos e culturais demandam longos processos de estudos e que sendo trabalhado de maneira coesa torna-se menos complicado entender os processos históricos que levaram a essas religiões serem por horas tratadas como pactos demoníacos e por outras vezes uma parte assimilada da cultura tradicionalmente cristã-católica.

Em linhas gerais, a partir das análises referentes ao tema em pauta, o objetivo geral configura-se em compreender o processo de transição de movimentos aparentemente já organizados em movimentos de retoma da dita “pureza” denominada e buscada principalmente pelo Candomblé. Assim para alcançar o objetivo geral utilizei de análises teóricas e que nesse aspecto acabam por surgir como objetivos específicos desse campo de pesquisa: Historicizar aspectos que mostrem inicialmente a chegada de nossos antepassados e suas formas de se relacionarem com o divino, pois é perceptível que para conseguir produzir um estudo sobre cultos seria primeiro preciso evidenciar quem eram esses que praticavam e de onde vieram, além de perpassar por sua trajetória de vida. Um estudo sólido que seja capaz de produzir um conhecimento a mais sobre esses processos históricos que infelizmente não chegam até nossas carteiras de sala de aula e por sua ausência acabam gerando maiores visões deturpadas sobre o que está todos os dias próximos a cada um de nós, mesmo que seja diretamente ou não. Levando assim a uma compreensão na dimensão histórica referente aos estudos e análises dos autores envolvidos nesse projeto.

Com essas bases objetivas o trabalho encaminha-se para pontos importantes em conhecer o que para muitos ainda é desconhecido. Quebrar paradigmas históricos que infelizmente inferiorizam as manifestações culturais brasileiras.

Este trabalho está organizado em dois capítulos, divididos em quatro subtemas, dois em cada capítulo. No primeiro capítulo busquei por meio de estudos, análises teóricas dar um breviário sobre as religiões afro-brasileiras, Candomblé e Umbanda, que são vistas como as mais influentes quando fala-se em matrizes africanas na religiosidade. Tentei discorrer sobre as crenças em questão a fim de deixar o leitor consciente sobre que ele encontrará ao longo da leitura. Origens, cultos, tradições e representações foram as formas que encontrei para retratar o que condizia com as bases teóricas existentes para um bom estudo e assimilação de conhecimentos. Toda essa primeira parte prossegue em uma linha tênue que perpassa para o segundo subtema que retrata justamente a formação sincrética afro-católica, em especial no Candomblé. Nesse tópico aventurei-me a escrever sobre esse sincretismo a qual passara por modificações estruturais capazes de inferir resultantes na religiosidade, fazendo-a seguir rumos assimilatórios, ou seja, tornando-se uma mescla de traços e costumes católicos. É notório que o sincretismo é um fenômeno perturbador e que nos coloca perante os contextos que nos conduzem a vozes culturais que nos instruem a evidenciar o que é original, tradição, mas também o que é mescla, mistura e assimilação. Nessa parte tentei demonstrar por meio das vozes encontradas durante a minha pesquisa teórica que o sincretismo por mais que pareça ser um processo pacífico e sem violências, isso de fato não aconteceria e que ao longo de nossa história essas misturas infelizmente ocorreram de forma contrária ao que realmente os escravizados gostariam que fossem, pois a riqueza de suas culturas era a primazia de suas heranças, ou seja, esse processo não foi de total aceitação, mas sim em grande parte de imposição.

No segundo capítulo o tema a ser compreendido foi justamente a formação contrária do que relatou o último tópico do primeiro capítulo. A dessincretização. Processo em sentido reverso que tentava trazer a purificação do Candomblé diante do sincretismo já introduzido em sua história no país. Com base em estudos, será possível analisar a dimensão que os sacerdotes encontraram para legitimarem suas crenças, agora voltando os olhos para a mãe África. Após esse processo, surgirá o que irei trabalhar ao segundo ponto, a reafricanização. Com a separação das formas sincréticas, chega a hora de dar ênfase ao trabalho de resgate e prática da crença originária africana nos terreiros de Candomblé.

Na construção de um bom estudo sobre a linha de pesquisa, venho apresentar uma linha metodológica que auxiliará na resultante do trabalho a ser alcançado. Pesquisar e coletar dados sobre o tema em artigos, literatura especializada, jornais, mídias digitais que possam remeter a pesquisa a uma linha que desdobre em um conjunto capaz de resultar em um estudo crítico – científico. Com isso, a margem metodológica do estudo passará por campos bem complementares. Sendo assim, o resultado será satisfatório para contribuir com o entendimento dos objetivos do conteúdo a ser abordado.

CAPITULO 01 : QUE RELIGIÕES SÃO ESSAS?

1.1 Breviário sobre as religiões afro-brasileiras.

Muitas perguntas passam pela cabeça do homem nesse mundo contemporâneo e com certeza a religiosidade é uma questão cotidiana em nosso meio, principalmente se olharmos para o Brasil, visto que o país é o reduto de vastas manifestações culturais históricas e atuais. De Norte a Sul do território brasileiro é comum o encontro com o “diferente”, com o novo e nesse sentido chegou o momento de também conhecermos esse “Novo” que está ao longo da histografia nacional e que mesmo assim o conhecimento ainda se torna escasso e limitado. Visando a religiosidade de matriz africana iremos conhecer, compreender e debater sobre o que seria o culto afro-brasileiro em nosso território, colocando em ênfase à questão sobre o sincretismo, dessincretização e reafricanização diante da questão racial no Brasil.

Sabemos ou pelo menos uma maioria de nós temos o conhecimento sobre o que os nossos irmãos africanos, que foram escravizados em nosso país passaram. As vastas aulas de história remontam tudo o que chega a ser algo cruel, violento e principalmente fora do comum sobre o que fora o momento transitório de suas vidas atravessadas não só pelo Atlântico, mas também atravessadas pela dor de serem tratadas como simplesmente objetos de cunho trabalhístico, sexual e fundamentalmente exploratório. Avinda nos navios negreiros e toda a segregação racial de soberania europeia fizeram com que as marcas da história africana e brasileira não comesçassem ou terminassem quando saíssem de seus países, mas sim tivessem a triste amargura de escreverem suas histórias pautadas nos banhos de sangue que eram a todos os momentos colocados como frutos de um poder. Além disso, toda essa constituição histórica que perpassa pelo Brasil comumente serviria de base para segrega-los ainda mais, pois com as imposições imposto diante de algo integralmente novo e supostamente marginalizado iria servir cada vez mais como alicerce para uma corrente psicológica que faria cada vez mais o escravizado sentir-se um subordinado sem ter a quem recorrer. O aprofundamento não será baseado nessas corrente históricas sobre a forma como vivia o escravizado, mas sim a questão do preconceito pelo qual ainda hoje os adeptos de religiões de matrizes afro-brasileiras sofrem por conta de suas crenças.

Relatar sobre a religiosidade africana é um desafio de grande garbo, pois infelizmente sua história e suas características são voltadas ao particularismo, ou seja, a maioria de suas

referências históricas são de cunho oral. Não há livros sagrados que falem abundantemente sobre o tema, que mostrem e relatem a Doutrina daquele tipo de culto. Com isso, seus estudos e informações são mais dificilmente desvendados e seus dados escritos são quase escassos. A dificuldade em acesso ao conteúdo é uma problemática que atinge desde a coleta de dados até a falta de material disponibilizado sobre a cultura afro-brasileira em nosso país, o que gera, infelizmente, mais deduções falsas sobre a nossa própria história e também o avanço das ações preconceituosas sobre o que de fato constitui como parte da historiografia brasileira.

Quando falamos de cultura afro-brasileira o que primeiramente vem à cabeça na maioria das pessoas? Boa parte irão relatar a palavra “Macumba”, magia negra, bruxaria ou satanismo. Essas visões preconceituosas, exatamente isso, o “PRÉ-CONCEITO” implica na formação de estereótipos que avançam e formam um manancial de outros conceitos mal formalizados. É o que argumenta o escritor Vagner Gonçalves da Silva em seu livro intitulado “Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção”:

“Os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifício animal e de culto aos espíritos (portanto, distanciados do modelo oficial de religiosidade dominante em nossa sociedade), têm sido associados a certos estereótipos como ‘magia negra’ (por apresentarem geralmente uma ética que não se baseia na visão dualista do bem e do mal estabelecida pelas religiões cristãs), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc.” (SILVA, 2005, pp.13)

Cabe ressaltar que essas visões sobre o diferente partiam de linguagens monoteístas e com isso todo o contexto a volta do místico em questão tornava-se alvo para o julgamento precipitado sobre a crença de povos que não partilhavam da mesma ideia eurocêntrica de religiosidade. O surgimento das várias manifestações religiosas no Brasil que foram ligadas aos oriundos da África costumavam-se ser classificados de acordo com o a região pela qual residiam no continente africano, mesmo sem ter a precisão real de suas origens. Bantos e Sudaneses destacam-se como os grupos étnicos que mais sobreviveriam nas longas viagens na cruzada do Atlântico à chegada no Brasil. Dando assim a eles ao destaque de serem partes fundamentais na expansão de suas crenças em terras brasileiras.

“Desde sua formação em solo brasileiro, as religiões de origem negra têm sido tributárias do catolicismo. Embora o negro, escravo ou liberto, tenha sido capaz

de manter no Brasil dos séculos XVIII e XIX, e até hoje, muito de suas tradições religiosas, é fato que sua religião enfrentou-se desde logo com uma séria contradição: a própria estrutura social e familiar às quais a religião dava sentido aqui nunca se reproduziram. As religiões dos bantos, iorubás e fons são religiões de culto aos ancestrais, que se fundam nas famílias e suas linhagens.” (PRANDI, 95/96, p. 67)

As religiões afro-brasileiras chegaram ao Brasil nas cruzadas vindas do Atlântico. Os navios negreiros faziam o tráfico de seres humanos em África para serem escravizados nas colônias européias em terras longínquas aqui no Brasil. Consigo vieram à força de trabalho para ser usada nas atividades agrícolas e em outros meios, mas também suas heranças socioculturais e, principalmente, suas religiosidades, foram trazidas junto a si, pois por várias vezes o pilar para continuarem com suas manifestações culturais mesmo em terras distintas era a sua união com o Divino. Trazendo-o o que viria formar e constituir a rama diversificada espalhada por todo o território nacional, ou seja, com eles vieram também as fontes históricas que formaram o que hoje chamamos de cultura brasileira. (JENSEN, 2001, p.01). Os bantos (angolas, caçanjes e bengalas, etc.) que sua chegada ocorre entre o final do século XVI e continuando até o século XIX. É nas regiões que compreendem Minas Gerais e Goiás que se estima que tenha ocorrido o maior número de escravizados oriundos da África (Angola, Congo e Moçambique) e que de fato exercera suas fortes influencias na nossa língua, costumes e também nos estilos musicais como, o samba. Além da religiosidade que percorre todo o território nacional e se diversifica ao longo do país, temos também os sudaneses (iorubas ou nagôs, jejes, fanti-achanti; haussás e mandigas- islamizados, etc.) originários da África Ocidental onde hoje se localizam a Nigéria, Benin (ex-Daomé) e o Togo que em sua entrada no Brasil, em meados do século XVII perdurando até a metade do século XIX, se concentraram nas regiões açucareiras, sobretudo, Bahia e Pernambuco.

No Brasil as denominações mais frequentes e conhecidas pela população quando se fala em religiosidade afro-brasileira são o Candomblé e a Umbanda. A diversidade cultural existente no país fomentam ideias baseadas na marginalidade e na formação de conhecimentos sobre ambas as religiões que infelizmente disseminam as visões errôneas referentes às verdadeiras características do culto de quem as pratica.

Diante do movimento Candomblé temos a seguinte informação:

“Todos apresentam o candomblé como unidade religiosa do mundo mágico africano no Brasil, não uma organização religiosa, como de patamar de resistência (consciente e inconsciente) ao processo de colonização escravista. O candomblé representava um ponto de resistência contra o processo de colonização totalitário (de totalidade), não permitindo que outras formas de organização se estruturassem e dinamizassem, quebrando esse sistema de dominação escravista de totalidade. Nele, havia preferência por combater as heresias, as religiões gentílicas ou animistas. E toda uma sistemática de perseguição a essas entidades religiosas passa a funcionar, embutida no racismo colonial contra o negro escravizado. Devemos considerar a organização da Igreja Católica como um dos braços mais importantes desse processo de dominação do sistema colonial. Ela tinha como tarefa não apenas convencer a sociedade dos valores do cristianismo, mas dos padrões políticos de sujeição desses povos à dominação colonial. Daí “as religiões dos oprimidos serem consideradas heresias, ameaças, perigos e vistas como religiões de feitiçaria”. E, por isso, destruídas, neutralizadas. A perseguição aos candomblés (pela Igreja Católica) não era apenas uma perseguição religiosa mas também política contra a resistência dos dominados e as estratégias de dominação dos colonizadores. Isso, porém, foi pouco analisado em função da interpretação culturalista dos principais autores que procuraram escrever sobre o poder. Daí também as diversas interpretações sobre sincretismo religioso e a transformação dos orixás em santos católicos.”¹

O Candomblé segundo Reginaldo Prandi, é uma religião composta basicamente de relações ritualísticas e também de ética. Ele nos revela que nas religiões éticas o místico, a experiência do transe (vivenciado no Candomblé), dão lugar a uma nova forma de expressão, que seria a ideia de dever, de retribuição e piedade para com o outro, que não obstante seria o paramento religioso seguido. A razão de salvação, existência e o modo de viver transcenderiam as questões dos rituais e chegaria ao padrão ético, princípio normativo das relações sociais. A religião como uma guardiã dos preceitos morais entre os homens, o que faria que deus fosse à potência ética e plena em si. Além dessas concepções, Prandi vem nos mostrar a cerca das religiões mágicas, que ao contrário da primeira apresentada não passaria nas premissas que permeiam a questão da salvação ou de redenção como fonte de remissão e reparo de casos de corrupção, pois ela no caso usaria uma forma diferente que será a interferência nesse mundo através das forças sacras que no caso vêm de outro mundo e não desse.

¹ Materia intitulada “O Candomblé como forma de resistência escrava à colonização”, do Professor. Dr. Eduardo Marques da Silva. Publicada no site: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0120.html>, acessando em 22/07/2014, às 14:40pm.

O Candomblé possui algumas denominações específicas, entre elas estão o Candomblé de Caboclo, o de Ogum e o mais lembrado quando falamos nesse movimento, o Candomblé queto ou como é chamado na Bahia: “nação”. O queto acalentou em fortes influências sobre as outras “nações” como os efãs e ijexá na Bahia, nagô ou eba em Pernambuco, oió-ijexá ou batuque de nação no Rio Grande do Sul, mina-nagô no Maranhão e outra que praticamente fora extinta, denominada “nação” xambá de Alagoas e Pernambuco. Todas pertencentes ao tronco ioruba.

Nestes paramentos apresentados por Prandi é possível perceber o Candomblé nas classes de religiões mágicas e praticante de rituais como detentora de aspectos muito além da compreensão comum a qual pensávamos saber. Essa ritualística mágica e a ética como participantes no são novas dimensões sobre a organização das mesmas. Nesse sentido podemos usar as palavras que Weber usou para representar melhor essa questão:

"Seus deuses são fortes, com paixões análogas às dos homens, alternadamente valentes ou pérfidos, amigos e inimigos entre si e contra os homens, mas em todo caso inteiramente desprovidos de moralidade, e, tanto quanto os homens, passíveis de suborno, mediante o sacrifício, e coagidos por procedimentos mágicos que fazem com que os homens venham a se tornar, pelo conhecimento que estes acabam tendo dos deuses todos, mais fortes do que os próprios deuses".(Weber, 1969, v.2: 909).

Devemos lembrar que o Candomblé teve suas origens na Bahia, o primeiro terreiro dessa crença é geralmente situado por volta do ano de 1830 e logo após se expandiu pelo território brasileiro. Em contradição com o cristianismo, no Candomblé as pessoas recebem de seus antepassados suas características, ou seja, herdaram dos seus orixás, ocorrendo a conotações específicas em boas ou más. Isto cria um elo entre o ser humano e o ser Divino, denominando assim o Candomblé enquanto uma nação.

“O culto demanda sacrifício de sangue animal, oferta de alimentos e vários ingredientes. A carne dos animais abatidos nos sacrifícios votivos é comida pelos membros da comunidade religiosa, enquanto o sangue e certas partes dos animais, como patas e cabeça, órgãos internos e costelas, são oferecidas aos orixás. Somente iniciados têm acesso a estas cerimônias, conduzidas em espaços privativos denominados quartos-de-santo. Uma vez que o aprendizado religioso sempre se dá longe dos olhos do público, a religião acaba por se recobrir de uma aura de sombras

e mistérios, embora todas as danças, que são o ponto alto das celebrações, ocorram sempre no barracão, que é o espaço aberto ao público. As celebrações de barracão, os toques, consistem numa seqüência de danças, em que, um por um, são honrados todos os orixás, cada um se manifestando no corpo de seus filhos e filhas, sendo vestidos com roupas de cores específicas, usando nas mãos ferramentas e objetos particulares a cada um deles, expressando-se em gestos e passos que reproduzem simbolicamente cenas de suas biografias míticas”.²

O Candomblé coloca disposição do negro brasileiro a dimensão do mundo que também era negro, que seria compartilhado e lado a lado com o branco. A transição de um mundo para o outro seria possível por questões não-religiosas a que o negro e branco participariam. É perceptível como as relações sociais com o diferente formam maneiras de incorporar desígnios a culturas oposta às habituais crenças cristãs dominantes no período de dominação.

Como já fora mencionado no início desse estudo, existe outra religião afro-brasileira também com grande destaque no cenário cultural nacional. Estamos falando da Umbanda.

Na Umbanda, como fora fundada por volta da década de 1920, pouco antes da metade do século passado, os Pretos Velhos e os Caboclos, entidades centrais e que possuem foco nos cultos, encontram-se em uma posição ou condição de inferioridade e que precisariam evoluir para conseguirem transcender os estágios atuais e alcançar esferas maiores, isso nos leva a um elo com a tradição espírita kardercista. Temos ainda a seguinte informação que nos leva a conhecimentos maiores sobre a cultura umbandista, pois as origens africanas dessa manifestação religiosa necessitaria ser limpo ou purificado de contaminações menos evoluídas que foram originárias do continente africano.

A umbanda surge em meio a uma Cidade que no momento em questão era a Capital da Nação. Como elementos religiosos que reelaboram a forma de diluição do negro e que se faz mistura na tentativa de refazer as classes sociais. Em meio ao mundo “branco”, elitizado e burocraticamente pautado nas visões religiosas cristãs-católicas. A transição do negro em

² Deuses africanos no Brasil: uma apresentação do candomblé-de Reginaldo Prandi, publicado no site: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/her-axe1.htm> acessado em 22 de Setembro de 2014, às 22:28 pm

áreas brancas e vice-versa, com a acepção de contextos e elementos católicos para a diminuição das contrariedades que pudessem ser sofridas pelo novo culto.

“Mantém-se o rito cantado e dançado dos candomblés, bem como um panteão simplificado de orixás, já porém há muitos anos sincretizados com santos católicos, reproduzindo-se, portanto, um calendário litúrgico que segue o da Igreja Católica, publicizando-se as festas ao compasso desse calendário.” (PRANDI, 95/96, p.69)

Ao contrário da tradição dos praticantes do Candomblé. Na Umbanda há quase uma eliminação total do sacrifício de sangue, e que ganha mais forma com o estilo de Kardec em suas formas de elevar o ser humano ao cósmico, ao Divino. Há um processo de elaboração da mediunidade de seus adeptos. A Umbanda é envolvida por caboclos, boiadeiros, ciganas, pombagiras, crianças. Todos pautados na égide de ajudar o homem sofredor a ser feliz. Esse culto afro-brasileiro divide-se em linhas de direita e esquerda. A primeira voltada nas questões do bem e a segunda que pode-se trabalhar com o mal, que aí ganha um nove nome, seria a “quimbanda”, que no caso são denominadas o trabalho com entidades atrasadas, demoníacos, que também há uma ordem sincrética nas assimilações com a imagem de inferno como é trabalhando na igreja católica.

“O desenvolvimento do candomblé, por exemplo, foi marcado, entre outros fatores, pela necessidade por parte dos grupos negros de reelaborarem sua identidade social e religiosa sobre as condições adversas da escravidão e posteriormente do desamparo social, tendo como referência a matrizes religiosas de origem africana. No caso da Umbanda, de formação mais recente, seu desenvolvimento foi marcado pela busca, iniciada por segmentos brancos da classe média urbana, de um modelo de religião que pudesse integrar legitimamente as contribuições dos grupos que compõem a sociedade nacional.” (SILVA, 2005, pp. 15)

Os adeptos das manifestações culturais afro-brasileiras por durante um tempo foram estereotipados como gente ignorante, pessoas que não possuíam uma crença cristã e ainda mais, eram tidas como povos selvagens que não eram dignas de serem chamadas de civilizados. Esses tipos de denominações aumentaram consideravelmente o processo

sociocultural discriminatório que faria com que cada vez mais o preconceito avançasse em forças maiores na luta pela unificação ou detenção de um poder, pautado nas questões socioeconômicas, culturais e principalmente políticas, pois era comum perceber que ao longo da história os processos políticos dos dominantes influenciariam na formação cultural e seus outros adjetivos para a região. Coisas de negros, feiticeiros, povos sem a visão dualista de mundo, esses eram alguns dos conceitos estabelecidos a quem mantinha uma cultura diferente a do outro.

Para conseguirmos uma melhor compreensão sobre esse breviário exposto acima, percebamos como mais uma vez Reginaldo Prandi coloca argumentos que nos auxiliam na aceção do conteúdo em questão:

“O candomblé e a umbanda não pressupõem a conversão de quem os busca para a solução de problemas. Já o kardecismo implica uma adesão um pouco mais comprometida; e o pentecostalismo, completamente. O kardecismo e o pentecostalismo são antes religiões de salvação que religiões rituais. Fundamentam-se na “palavra” e prometem a salvação para aqueles que forem capazes de se porem no mundo do modo como a Palavra prescreve, em nome de certos valores, e num mundo que é criado pela esperança da salvação em oposição ao mundo imediatamente dado, que, para a religião, é enganoso e falso. Para se pertencer a essas religiões, é necessário assumir seus códigos de interpretação e de conduta; não basta simplesmente participar recorrentemente do rito, como se faz no catolicismo tradicional, por exemplo, em que o católico se define como tal freqüentando minimamente os sacramentos. Essas religiões pressupõem um envolvimento doutrinário, ético, moral, em direção à conversão e adesão ao grupo religioso no interior do qual se realiza a cura, a solução de múltiplos problemas e a mudança da conduta de vida. E o candomblé, comparado com a umbanda, expressa-se aos olhos do cliente de modo quase inteiramente dessacralizado, quando, na verdade, ele é o oposto. Esta, aliás, é uma artimanha muito importante para o sucesso do candomblé no mercado religioso da metrópole (onde não se atribuem causas sobrenaturais aos eventos), em que o peso religioso das religiões é muito pequeno em relação ao peso da ciência, da tecnologia e da filosofia laica na explicação do mundo e na orientação do comportamento. Aos poucos, no correr das páginas presentes, veremos como o peso da prática ritual é decisivamente importante no candomblé. Aqui é mais importante realizar o rito que propriamente entender seu significado.” (PRANDI, 1991, p. 27-28)

Diante de todo esse breviário sobre a historicidade por trás das religiões mencionadas é palpável percebemos o preceito de complexidade que gira em torno de todo o contexto sociocultural perante as relações raciais que fazem parte formação identitária cultural de

nosso país. Essa conotação nos revela pontos importantes, pois a partir dessa formação dominante torna-se mais fácil de analisar e perceber o teor de preconceito ocorrido na fase de exploração territorial e com tudo isso visualizar as consequências e resultantes que vieram posteriormente e que será explanado nos tópicos a seguir. E todo esse contexto sociocultural existente na formação das religiões afro-brasileiras ou chamadas as religiões negras são longos e que por muitas décadas acarretaram na não-aceitação da sociedade perante aquilo que dava passos para a construção de nossa identidade cultural.

1.2 O sincretismo afro-católico

Até agora fora explicado brevemente sobre as religiões afro-brasileiras, pelo menos as que ganharam maiores destaques em nosso dia a dia. Agora entraremos em uma questão muito levantada ao longo dos últimos anos, ou seja, o sincretismo religioso ou afro-católico. É comumente ouvirmos falar sobre o culto que se faz a alguma entidade afro-brasileira e paralelamente fazer semelhanças que a coloquem próximas à cultura cristã, no caso, o catolicismo. É nesse aspecto que me proponho a apresentar uma análise sobre o tema.

A narrativa histórica nos ensina que a cultura do dominante impõe seus costumes e crenças sobre a cultura do outro e que essa introdução seria feita de formas radicais e também violentas, chegando ao contato físico e brutal na luta por supremacia. No entanto, o caso do Brasil apresenta alguns circunstâncias ou resultantes que o faz diferir da colonização de alguns outros povos pelo mundo, estamos falando que no Brasil a dominação cultural não ocorreu de forma promissora, não completamente, pois os movimentos de resistências oriundas dos povos que possuíam outras crenças resistiram e impuseram-se na luta em defesa de suas tradições.

O procedimento sincrético ao qual advieram as religiões africanas foi bastante complicado: Primeiramente pelo fator da cruzada do Atlântico dentro dos navios negreiros que com isso a misturas de várias etnias africanas vindas de diferentes partes do continente ocorreriam a experiência com outras culturas. Não bastasse serem explorados de inúmeras formas pelos colonizadores, ainda teriam que cultuarem os deuses deles, ou seja, a questão sincrética começava muito antes das formações culturais no Brasil, mas sim na introdução

psíquica que acontecia do outro lado do Atlântico, que perpassava ao longo dos vários dias em mar aberto e culminava na chegada ao Brasil para perceber a nova condição social que os aguardavam. Por uma questão de minimizar a opressão sofrida pelos escravizados, os mesmos disfarçavam suas crenças e sua religião fazendo mesclas com a religião católica, o que concernia na melhor adequação cultural, pois o pensamento de seus “donos” seria voltado a imaginarem que eles estavam cultuando os ritos da igreja católica. Um movimento de resistência para a luta em defesa de preservar aquilo que é formação histórica. Resguardar a identidade cultural.

“O culto católico aos santos, numa dimensão popular politeísta, ajustou-se como uma luva ao culto dos panteões africanos. Com a umbanda, acrescentaram-se à vertente africana as contribuições do kardecismo francês, especialmente a idéia de comunicação com os espíritos dos mortos através do transe, com a finalidade de se praticar a caridade entre os dois mundos, pois os mortos devem ajudar os vivos sofredores, assim como os vivos devem ajudar os mortos a encontrarem, sempre pela prática da caridade, o caminho da paz eterna, segundo a doutrina de Kardec. (PRANDI, 95/96, p. 67)

O sincretismo é, sem dúvida, um fenômeno religioso perturbador e, ao mesmo tempo, encantador. Perturbador nas questões relacionadas a dificuldade de compreender e entender como culturas diferentes podem se mesclarem pelas questões sagradas e a partir disso se cruzarem. E partir disso torna-se também encantador, pois percebemos como isso foi de quão importância para a formação religiosa e cultural da nação que chamamos de Brasil

“O Sincretismo se caracteriza fundamentalmente por uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima inter fusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contacto. Simbiose que dá resultado um fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias.” (VALENTE, 1976, p. 11)

Valente é quem dialoga sobre o sincretismo possuir duas etapas: A primeira é a que o negro, recém chegado da África, se ver frente a frente com a opressão colonizadora e exploradora e que impede de não deixa-lo mais praticar a sua crença, além de sua liberdade ser retirada. O que ocorre a acomodação, a tão famosa e conhecida comparação que há entre as entidades das religiões afro e católico, por exemplo: O orixá e o santo. Maria, mãe de Jesus

Cristo é referente nas religiões afro-brasileiras sobre o símbolo de Iemanjá ou orixá das águas. Segundo Valente isso não aconteceria com o afro-descendente nascido no Brasil, pois não conhece a Mãe-África, progenitora de sua herança cultural. Ele não percebe que a realização da crença possui valores míticos africanos, ou seja, não percebe o orixá como algo pertencente à África em sua totalidade. Para ele, Maria e Oxum seriam a mesma entidade. Valente denomina isso de *assimilação*.

Outro grande estudioso sobre ao que se refere ao sincretismo foi Roger Bastide, que a partir de seus estudos pudemos analisar e compreender mais sobre a diversidade cultural existente na Nação. Os estudiosos costumam dizer que a história do sincretismo poderia ser dividida entre antes de Bastide e após a sua vinda. Bastide em suas análises sobre o sincretismo vem discorrer questões pouco trabalhadas à respeito desse assunto, pois em geral quando se fala em sincretismo logo se faz referência com o santo católico e o orixá, como se fosse apenas a única maneira de acontecer a manifestação cultural. Para isso ele aponta três relações importantes para se entender o sincretismo: Primeiro seriam as relações estruturais entre a teologia católica por meio da intercessão dos santos como, por exemplo, temos Nossa Senhora que intercede junto a Jesus e Jesus junto a Deus, e a cosmologia africana com os orixás com sua relação com os seres humanos por meio da intercessão junto a Olorun (Criador Supremo). Em segundo, Bastide apresenta a relação cultural. Os santos próximos aos homens por meio de suas atividades terrenas, desse modo se pode pensar também sobre África aonde os orixás possuem relações com os elementos da natureza e paralelamente aos santos possuem poderes curativos. Passando por esses dois pontos chegamos à terceira relação explicada por Bastide, a relação sociológica, na qual as confrarias negras católicas e as nações africanas possuiriam relações entre si. Seria a forma de integração ou a aproximação entre os elementos africanos e católicos não apenas pela religião, mas por uma gama de questões socioculturais existentes, desde costumes, comidas, danças e outros.

Vejamos agora algumas características sobre a inter fusão entre as divindades cultuadas entre o universo católico e o africano que resultam na formação afro-brasileira ou afro-católica:

“No momento em que se faz o sincretismo, observam-se características de um e outro lado, verificando o que há em comum para se iniciar o processo de assimilação das duas entidades, portanto Xangô em algumas situações ou regiões, é

São Jerônimo, um intelectual, um dos santos padres da igreja romana, da dinâmica, rei de Oyo? São Jerônimo trás ao seu lado um leão, que para o povo yorubá é símbolo da realeza. Um outro exemplo pode ser dado, para que melhor se entenda essa situação, Santo Antonio, religioso, teólogo e defensor voraz da igreja, em algum lugar é sincretizado com Ogun, orixá das batalhas, no seu mito não há referências á intelectualidade ou ascese, Entretanto, aquela garra aquele espirito beligerante de conquistar adeptos para o catolicismo e combate às heresias, o tornou similar ao orixá supra mencionado por seu caráter belicoso. Santa Ana, a idosa, a avó, a mais velha dentre os santos, foi reconhecida como Nanã, o orixá feminino que é a mais velha e a avó. Não poderia deixar de citar a figura de Jesus, o filho de Deus, o enviado a terra, assim como orixalá, o maior dos orixás, em dos primeiros a ser criado por Olodumare, foi enviado para criar o universo.” (DOS SANTOS, 2009, p.20)

É a partir do afrodescendente que podemos perceber com mais ênfase as questões sincréticas assimilarias, pois para eles o santo e/ou orixá, vodum ou inquice não faz quase nenhuma diferença, já não é possível ver um limite ou algo que produza alguma diferença ou divergência.

O sincretismo religioso, e mais particularmente o afro-católico, só demonstram o quanto o sagrado é uma questão presente na formação multicultural do Brasil. Essa intermistura acompanhada da interfusão nos levam a perceber que as práticas em torno do sagrado são fundamentais para nos levar a um conhecimento mais preciso sobre as questões da fé vividas por nossos antepassados e que mesmo tendo levado muitas décadas para acontecerem ainda são fortemente evidenciados no nosso dia a dia. Seja nos terreiros ou na igreja. É de compreensão a percepção que temos so sincretismo religioso como uma importante forma de construção da identidade religiosa africana no Brasil. O contato gerado entre as culturas religiosas resultou no entrelaçamento de conhecimentos e práticas advindas de outras formas de se crer no divino. Mitos, ritos e a liturgia foram fortemente influenciados e contribuíram para a formação da Pátria Brasil, rica, diversificada e multicultural.

CAPITULO 2: MUDAR E RESSIGNIFICAR. A LUTA PELA VOLTA DA TRADIÇÃO.

2.1 (Re)Africanizar e (De)ssincretização: Dessincretização do Candomblé.

No capítulo anterior foram trabalhados pontos sobre as religiões afro-brasileiras e suas questões sincréticas. Agora me proponho a trabalhar sobre uma discussão acadêmica bastante enfatizada, mas que mesmo em sua complexidade poderemos compreender mais sobre esse mundo multicultural à qual habitamos. Buscarei traçar caminhos que nos levem à análises sobre reafrikanização e dessincretização, tentando pluralizar os argumentos estabelecidos entre os autores a fim de conseguir uma melhor compreensão sobre o tema. Por mais que ambos os movimentos sejam tão próximos ou parecidos, eles percorrem por correntes diferentes a cerca sobre a legitimação e hegemonia nas questões religiosas, políticas e sociais do universo afro-brasileiro.

Em nosso país os movimentos de dessincretização e reafrikanização aparecem sob a égide de possuírem a mesma base fundamentalista, a eliminação dos traços sincréticos alocados nas religiões ao longo dos anos. Primeiramente o movimento de dessincretização fora liderado por Mae Stella do Axé Opô Afonjá, que tinha como questão primária de erradicar as influências católicas nos terreiros, começando pelas distinções entre Santos e Orixás. Neste momento vários grupos afro-brasileiros e seus representantes começaram a se indagam sobre essas questões e com isso o movimento cresceu, dando origem a um documento chamado carta Signatária, como fora conhecida esse manifesto e criado em 1983. Esse manifesto foi assinado por mães-de-santo baianas, que desaprovavam o sincretismo, pois segundo suas tradições esse termo denotava uma mistura confusa sobre as religiões em questão. Esse manifesto tinha como foco a desconstrução epistemológica sobre o Candomblé à respeito de seu sincretismo e das visões deturpadas de que eram rituais demoníacos. Esse movimento de dessincretização surgiu na Bahia.

Em linhas gerais, o movimento que gerou o documento fazia alusão as questões históricas nacionais, bem como a antiga situação do negro no período escravista que sofrera com as imposições da religião dita como “oficial” perante a não permissão de preservarem suas heranças e assim fazendo-o mascará-las. Além disso, o documento criticava posturas de

representantes do Candomblé baiano diante do sistema sincrético com o catolicismo, fazendo-os assumirem posições de dupla pertença religiosa.

A autora Stefania Capone em um de seus artigos relata-nos posicionamentos sobre essas questões:

“A questão fundamental é a mesma: como preservar a “África” no Brasil? Mas esta África não é necessariamente a mesma para Mãe Stella ou para os representantes dos terreiros reafricanizados do Sudeste do Brasil. A África, como símbolo de pureza e de tradição, é sujeita a uma redefinição constante para poder servir às estratégias de legitimação de cada um. Nesse sentido “dessincretizar” não significa necessariamente, “reafricanizar”.”(CAPONE, 1999)

A percepção sobre esses contextos iniciais vão muito mais além das questões entre Santos e Orixás, pois afirmava-se que o Candomblé era anterior ao período da escravidão. Esse manifesto sobre a dessincretização também trazia como questões: a volta do ensino da língua Iorubá e os ensinamentos das tradições religiosas, como o repasse sobre a vida dos Orixás. Tudo isso para ser legitimado como conteúdo na sala de aula.

“Preconiza-se, sobretudo, o fim da escravidão, pois a concepção de que o sincretismo com o catolicismo remetia à condição da escravidão percebia o sincretismo como imposição; nesse sentido romper com o catolicismo representava se libertar das amarras da escravidão. Da mesma forma, reivindicar o *status* de religião para o Candomblé significava dizer que os africanos, pelo fato de possuírem uma religião, estão no mesmo patamar de igualdade que os europeus e, portanto, devem ser reconhecidas sua diferença e suas cidadania, o que não exclui a autodeterminação e especificidade, tão caras aos movimentos étnico-raciais.” (MELO, 2008, p.164-165)

Reginaldo Prandi em seus artigos também expõe de forma sucinta suas análises sobre esse processo:

“Desenraizados de sua cultura original, só preservada no Brasil de forma fragmentada, os orixás perderam muito de sua relação com partes e aspectos do mundo da natureza, ganhando maior similitude com o mundo dos homens. Agora, a regência dos orixás sobre os seus elementos da natureza (ferro, água, pedra, lama, raio...) é o governo de deuses ‘humanizados’, no sentido de que o elemento original é apenas simbólico-ritual. Parecem com os santos católicos que lhe emprestaram nomes e insígnias e com quem compartilharam patronatos, mas em troca

abandonaram a noção de santidade cristã que exige do homem pecador o arrependimento, a negação da biografia para a reconciliação com as virtudes de um código ético que separa as ações entre boas e más, independente do que cada uma delas possa significar para o mero mortal.” (PRANDI, 2001, p. 29)

Em meio a esse processo reverso na tentativa de trazer de volta a pureza à religião, ocorre no Candomblé o sentido de limpeza, ou seja, excluir traços que coloquem similaridades da mesma com a Umbanda. Falo da Umbanda, pois foi ela a antecessora dos que transitaram para o Candomblé paulista, mas não em sua totalidade. Seria esse sentido de colocar em prática a limpeza argumentada pelo Candomblé. Apagar os traços que se cruzam, causando um movimento inverso às similaridades do Candomblé na Umbanda. “Esse assumir-se com Candomblé fará da Bahia o centro de legitimidade dos Sacerdotes de São Paulo, que num segundo momento esquecerão a Bahia para se lançarem diretamente à África”. (PRANDI, 2001, p. 31)

O movimento de dessincretização foi muito mais do que simplesmente um manifesto ocorrido e apresentado primeiramente nas COMTOCs (Conferências Mundiais da Tradição dos Orixás e Cultura) para a legitimação de uma crença religiosa africana (Iorubá), como forma de afirmarem o seu pertencimento legítimo a cultura africana e não como mistura ou seita. Os adeptos desse movimento colocavam-se como herdeiros étnicos da África e assim se portavam como os mais habilitados a serem porta-vozes das reivindicações em alto grau. Possuidores dos traços históricos na constituição tradicional de suas heranças no País.

Outra autora e estudiosa sobre os assuntos referentes a dessincretização é a Josidelth Consorte. No ano de 1992, ela foi a Salvador para fazer pesquisas a cerca desse movimento. Em suas visitas aos terreiros tradicionais comandados por Sacerdotisas Ialorixás, percebeu que de todos os lugares à qual frequentou, apenas Mãe Stella do Oxossi, Sacerdotisa da Casa Ilê Axé Opô Afonja que continuava com a perpetuação em manter o movimento. Consorte evidenciou que a separação entre Candomblé e Catolicismo não ocorreu não nos outros terreiros baianos. Olga de Alaketo em entrevistada por Consorte demonstrou em suas falas que a tradição continuava a ser trabalhada por muitos terreiros. Olga possuía uma linha de pensamento voltado para a reprodução dos ensinamentos que seus antepassados repassaram, ou seja, “a força do Candomblé está no respeito à tradição. Sincretismo remete a tradição. Romper com o sincretismo é pois romper com a tradição”. (Consorte, 1999, p.83). E Mãe

Stella que defendia em seu argumento: “Manter a tradição não significa reproduzir sempre da mesma forma. Assim no seu entender, é romper com a tradição que ela se mantém fiel à tradição de seu terreiro”. (Consorte, 1999, p.88).

“O movimento de dessincretização, no entender dos defensores da tradição nagô, não é uma volta à África para reaprender os segredos rituais, mas uma purificação desta África preservada no Brasil, como se pole uma pedra bruta eliminando tudo aquilo que simplesmente não faz parte de sua verdadeira natureza : os rituais católicos, frutos da experiência da escravidão.” (CAPONE, 1999)

A busca por esse reconhecimento, sobretudo uma resposta política diante dos pressupostos coloniais até então estabelecidos como extensão da religiosidade, fizeram com que os movimentos à respeito da dessincretização aumentassem na busca pela legitimação do Candomblé voltado para a tradicionalidade africana.

2.2 Processo de Reafricanização

Como foi relatado acima, o movimento de dessincretização ganhou espaço e favoreceu o aparecimento de outros movimentos para a consolidação e legitimação da religiosidade de matriz africana. Com isso, surgiram os movimentos de reafricanização, pois agora o olhar era voltado para o outro lado do atlântico. Esse movimento ganhou muita força, principalmente no Candomblé. Vejamos algumas análises sobre esse processo.

“A africanização como processo de religamento do candomblé à África contemporânea é uma forma que este novo candomblé de São Paulo encontrou para se libertar do velho e original candomblé baiano, e até mesmo superá-lo, criando sua própria originalidade e legitimidade. É necessária uma medida nova de importância e prestígio, e que não pode ser a antigüidade. Para completar esse movimento de autonomização em relação às velhas e tradicionais casas da Bahia, o candomblé de São Paulo tem assim necessariamente de reinventar-se também como tradição.” (PRANDI, 2001, p.119)

Segundo os estudos de Vagner Gonçalves da Silva, o movimento de reafricanização em São Paulo teria como foco de precisão fazer com que o olhar tivesse um novo destino, um novo horizonte para o mundo do Candomblé. Segundo ele, nesse momento o Candomblé

baiano perderia seu foco diante da influência africana, já que agora o outro lado do continente seria a base formadora e visada pelos novos adeptos do culto.

Esse fato predominante para essa nova visão se justificaria pelo posicionamento à qual o Candomblé paulista estaria nessa época, pois o mesmo chegara no Sudeste por volta da década de 50 do século passado e estaria “inferiorizado” diante do culto baiano, o que acarretaria em um novo modo de resgatar aquilo que segundo os adeptos do Candomblé paulista havia se perdido na Bahia.

Na tentativa de resgatar a África no Brasil, a pureza seria o motivo pelo qual haveria esse processo migratório. E nesse propósito que o olhar seria voltado para lá. A fim de chegar aos grupos étnicos, organizações e todos os seus aparatos religiosos em uma forma de conseguir transmitir aqui no Brasil a tradição africana fundadora das resultantes similares de nossa cultura afro.

O Candomblé já experimentava algumas mudanças, desde a separação com o catolicismo em meio ao sincretismo até chegar a ser uma religião para todos, pois com a sua expansão no mundo dito “branco” ocasionaria que a religião não se tornaria mais uma crença exclusiva de descendentes de africanos. Com sua lógica de interpretação sobre o mundo, ela acaba por chegar a lugares longínquos da Bahia, principalmente no Sudeste, em especial São Paulo.

E sobre esse processo em São Paulo, temos a seguinte informação:

“Podemos dizer que em São Paulo a reafricanização teve impulso com o curso de idioma iorubá fornecido pela Universidade de São Paulo na década de 70, quando muitos sacerdotes fizeram o curso, e puderam ter contatos com professores nigerianos que traziam e comercializavam materiais religiosos.” (MELO, 2008, p.173)

E completa:

“Diante da busca pela alteridade e afirmação da identidade do candomblé paulista no mundo do candomblé, a justificativa de que não há um conhecimento pleno da religião se torna uma crítica aos sacerdotes dos tradicionais terreiros

baianos, o que valoriza e torna justificável a reafricanização do culto e dota também os paulistas de um vasto conhecimento sobre a religião, num movimento em que se invertem os valores cultivados no mundo do candomblé, como fizera no passado Mãe Aninha, trocando a tradição baiana pela africana, porém os paulistas buscam compreensão da África também através dos livros profanos.” (Ibid, p.174)

Como fora bem explicito acima por Aislan Vieira de Melo, os Sacerdotes paulistas que pretendiam a volta da mítica africana pautavam inicialmente os seus estudos a partir da língua ioruba como uma forma de enraizar no país a oratória africana. Para um grupo de sacerdotes essa reafricanização dava-se por meio dessa produção retórica que excluiria a necessidade de procurar respostas ou explicações em outras religiões, tradições ou crenças, como o catolicismo e kardecismo, que foram fundantes para a assimilação sincrética em nossa cultura. E assim, essa retórica contribuiria com a visão contemporânea de mundo e eliminatória do período colonial e escravista que evidenciou questões preconceituosas das religiões de matrizes africanas.

Ainda sobre a crescente expansão do Candomblé em São Paulo. Jensen coloca seu argumento na seguinte informação:

“Por trás do crescimento do Candomblé no sudeste estão principalmente muitos pais-de-santos que transformaram seus centros de Umbanda em centros de Candomblé e que foram, em muitos casos, seguidos por seus adeptos e clientes. Muitos centros de Umbanda estão assim num período de transição para o Candomblé e são salvos pela transformação (como o Candomblé é uma religião mais exigente que a Umbanda). Antes os umbandistas recrutaram muitos membros do Candomblé, porém agora o curso do recrutamento está indo na direção oposta.” (JENSEN, 2001, p.14)

Segundo Jensen, outra forte contribuição para o aumento e desenvolvimento do Candomblé foi a migração do Nordeste para o Sudeste, pois com o aumento da industrialização e a prometida melhoria de vida visada pelo povo do norte faria com que a cruzada territorial fosse mais recorrente. Dentre essas migrações havia muitos pais-de-santo, do qual carregavam consigo a religiosidade como marca identitária. “O transplante ou desenvolvimento de novos centros de Candomblé no Sudeste é um fenômeno novo”. (JENSEN, 2001,p.14). O que concerne a entrada desse novo seria justamente a composição de seus adeptos e seguidores também serem novos. Negros e brancos, igualmente representados.

Além das questões religiosas, o crescente número de seguidores da religião também ocasionou outras ramificações, como por exemplo, o Candomblé ser alvo e motivo econômico. Agora o mítico também é comércio. Com a ânsia de buscar conhecimentos sobre o continente que originou a tradição à qual se procura cultuar fielmente, o aumento de produtos vindo da África, em especial da Nigéria cresceu generosamente, pacotes de viagens, intercâmbio tanto de brasileiros como de africanos, esses últimos que importavam para cá aquilo que representava o que os Sacerdotes buscavam transmitir aqui.

Reginaldo Prandi defende em seus argumentos sobre essa passagem que aconteceu do Nordeste para o Sudeste, o que acarretaria em uma transformação étnica para o universal. Segundo ele, o Candomblé popularizou-se ainda mais com a incidência da música e dos meios de comunicação. Com essa popularização o mundo redescobriu a África e foram seduzidos/atraídos pelo novo, principalmente a classe média branca que tem contribuído para a legitimação da mesma perante a sociedade. Prandi ainda afirma que a reafrikanização não tem a ver com a tonalidade da pele ou com a identidade afro-brasileira. Pelo contrário, ele vê a reafrikanização como algo imaginado pela intelectualidade da tradição para justamente enraizar novamente a autenticidade africana no País. (PRANDI, 2001, p.119)

“O outro ponto de vista considera que o Candomblé está ligado com a consciência étnica e política na luta contra a discriminação que tem crescido desde os anos setenta entre a população afro-brasileira. Aqui o Candomblé aparece como uma fonte na luta política onde a reinvenção das tradições religiosas africanas podem ser usadas como meio de mobilização étnica e caminho para despertar a consciência do povo e construir uma identidade étnica.” (JENSEN, 2001 p. 18)

Airslan de Melo configura sua resolução a partir da seguinte argumentação:

“Nesse sentido, a reafrikanização do candomblé, antes de ser uma recusa ao sincretismo religioso proposto por esses sacerdotes, é, a meu ver, uma outra vertente do sincretismo, uma face sincrética dinamizada pelas variantes acima mencionadas, na medida em que esses sacerdotes realizam um outro tipo de sincretismo que se refere ao momento temporal no qual estão inseridos, incluindo todas as interferências possíveis da contemporaneidade brasileira.” (MELO, 2008, p. 176)

Com o processo de reafrikanização podemos perceber que não podemos analisa-los apenas por uma visão, pois há vários caminhos a serem descobertos e estudados sobre as

consequências desse movimento. Com o processo de ressignificação podemos usar várias formas de reafrikanizar, desde a estética, cantigas, a introdução dos rituais iorubás e também a daquilo que pode ou não ser de cunho sincrético, claro que tudo isso sob a égide do Sacerdote-chefe. O grande desafio é o reconhecimento do Candomblé longe dessa concepção ambígua. A visão e o que enxergamos sobre o Candomblé deve ir muito mais além do que costumávamos saber, pois voltando para a questão da reafrikanização podemos percebê-la com uma mudança doutrinária, litúrgica que concerne em saber e identificar o que de fato cada coisa é.

“Se o movimento de dessincretização da Bahia dialoga com os mundos da política, da etnicidade e da religião, com o objetivo de se colocar em articulação com as questões políticas dos afrobrasileiros e da própria religião, os sacerdotes de reafrikanização em São Paulo, por sua vez, procuram, além disso, colocarem-se frente às disputas internas por prestígio e legitimidade presentes no mundo do candomblé, como também

têm o objetivo de realizar um movimento político dentro do mundo religioso brasileiro, tentando se impor enquanto religião, buscando um espaço de discurso cujo objetivo, também, é o de arregimentar adeptos.” (Ibid, p. 177-178)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que, ao longo da história, da nossa história, encontramos contextos que nos levam a perceber ou pelo menos começarmos a compreender o que realmente nossa diversidade cultural nos permite olhar. Passamos por análises sobre a vinda dos colonos, sobre a vinda dos que formaram o que chamamos de identidade nacional. Negros, indígenas, Brancos, asiáticos, enfim, múltiplos. Viajamos por nossa essência, enraizando e brotando a flor do conhecimento que nos faz entender o que realmente somos e de onde realmente viemos culturalmente.

Permeando sobre as crenças mais influentes a cerca dos movimentos migratórios africanos e no desenvolvimento de suas matrizes culturais em outros territórios, em outros continentes, foi assim que este trabalho fora explorado a fim de codificar informações além daquilo que costumeiramente já sabíamos, mas agora com toques de reflexões e aproximação de nossa essência com nossos antepassados.

Como podemos perceber ao longo das falas mencionadas nesse trabalho, fora possível evidenciar questões afro-brasileiras que remontam as nossas tradições. E muito, além disso, conseguimos ver que muito além das visões religiosas, existem outros contextos históricos que mostram a dimensão por aqui e nos trouxeram elementos capazes de nos fazer entender essa diversidade existente no país.

Em outras palavras, tentei mostrar, a partir da percepção de outros estudiosos, maneira como a etnicidade das religiões afro-brasileiras, em especial o Candomblé e a Umbanda, como o foco na primeira, o seu comportamento, as formas como se integra na sociedade e o seu dinamismo com as relações sincréticas, dessincréticas e processos de reafricanização que foram apresentados ao longo dos capítulos.

Tentei demonstrar por meio dessas linhas teóricas desde o sincretismo até a reafricanização, que a identidade religiosa possui processos de dialogo, ou seja, o individuo toma suas atitudes através daquilo que o mundo lhe oferecer. É possível afirmar que a África mítica tomará forma na estruturação da sua religiosidade aqui? Isso é uma resposta que só a linha histórica, presente e futura poderá expansionar, pois os desafios de conseguir o reconhecimento tão almejado pelas culturas afro-brasileiras dependem além de seus esforços

como entidades de resistências, também dependem da forma como aplicamos e excluimos a disseminação das questões discriminatórias a respeito sobre cada uma delas.

Com isso, poderíamos usufruir de melhores instrumentos a cerca dos movimentos que estiveram presentes para uma melhor compreensão sobre toda a dinâmica, pois para entender os movimentos não devemos nos prender apenas ao mundo religioso. Esses processos se locam num espaço social com a disseminação de intensos diálogos com os campos da política e da cultura. Nos campos políticos perpassam ao longo da formação do movimento dessincretico na busca por um reconhecimento, de legitimação, como meio de dizer que com a separação da outra cultura implicaria na dimensão espacial, cultural, social e política da autenticidade dos traços étnicos presentes na originalidade e nas crenças de matrizes africanas. Como seria o caso do Candomblé, percussor desse movimento negro de afirmação da tradição e depois com culminância da reafricanização como ponto alto desses período. A retórica apresentada ao longo das análises nos mostram essa reivindicação através da etnicidade biológica ou religiosa que estiveram presente nas falas abordada pelos sacerdotes de São Paulo vinculados com a reafricanização.

“A politização da cultura africana foi retomada pelos sacerdotes da reafricanização, enfatizando a etnicidade iorubá, com o objetivo de se colocarem ao lado do Movimento Negro, bem como de conquistar sua alteridade dentro do mundo do candomblé e do mundo religioso brasileiro como um todo.” (MELO, 2008, p. 179)

Essa reflexão que venho trazer segue justamente nesse âmbito sobre a afirmação religiosa do Candomblé, mas também a primazia em defesa dos principais relacionados à todos esses movimentos, os negros. Essa afirmação pela etnicidade vai muito além da questão como pertencimento, pois transcende o aspecto entre o social e o local, costumeiramente imaginado como única resultante capaz de entender a ligação de um grupo a outro. Essa etnicidade está fincada nas características propriamente africanas, ou seja, a cultura concebida e agora buscada pelos que querem reviver o que tradicionalmente é matriz originária dos povos do continente africano.

A maneira como essa construção da retórica se mostra, nos faz compreender as diferenças existentes entre aquilo que é imaginado e aquilo que de fato é real. Seja a revitalização do histórico do povo africano, seja de seus descendentes, a visão aqui é o

ressarcimento de uma questão histórica, uma dívida transcendente que acumulou anos e séculos de reclusão cultural. A busca pela legitimação e o reconhecimento seria o início dessa dívida começar a ser paga. Ressarcimento esse que demora a se constituir devido a essa discriminação étnico-racial que permeou e contribuiu para os banhos de sangue existentes ao longo da linha histórica colonial ao qual a Nação passou.

“Quando alguém abraça o candomblé como religião, não é necessário que se opere mudança em sua maneira de ver-se e estar no mundo. Diferente do protestantismo de conversão e do catolicismo das CEBs (como outras religiões também presentes na cidade, entre elas algumas de origem oriental), o candomblé não rejeita o mundo e nem pretende mudá-lo, pois, ao enxergar o mundo, é aí que vê dispostos os meios para se ser feliz — que é a missão do homem na terra, segundo esta religião.” (PRANDI, 2001, p. 214)

O Candomblé como fenômeno cultural que se espalha pelo território nacional e que não se restringe mais a região nordeste. Com isso o número de adeptos torna-se cada vez maior, intercalando vários grupos étnicos e classes sociais.

Para concluir, reafirmo que um dos maiores desafios para conhecer, entender e compreender as religiões afro-brasileiras é a forma como olhamos e damos importância às suas dimensões. Retirar as vendas que nos impedem de vê-las e perceber os seus diálogos sociais pode contribuir para a formação dessa nova visão que ganharia novas dimensões espaciais de legitimação e politização para tudo aquilo que é tido como um processo longo. Tornar-se acessível àquilo que todas buscam incessantemente, o reconhecimento perante a tudo que ambas já passaram e perderam ao longo de suas tradições. Este trabalho é apenas um pequeno passo de uma longa jornada que se inicia para buscar interpretações sobre essa “pureza religiosa” e todos os estudos relacionados a esse tema em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BASTIDE, Roger. Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CAPONE, Stefania. Uma religião para o futuro: a rede transnacional dos cultos afro-americanos. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 09., 1999. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. P. 1 - 12.

CONSORTE, Josildeth. 1999. Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo. In CAROSO, Carlos & BACELAR, Jeferson (org.): Faces da tradição afro-brasileira, pp. 71-91. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/ CEAO

CARMO, João Clodomiro do. **O que é Candomblé**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 0, n. 1, p.1-21, 2001.

MELO, Aislan Vieira de. Reafricanização e dessincretização do candomblé: Movimentos de um mesmo processo. **Anthropológicas**, Recife, v. 192, n. 12, p.157-182, 2008.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil: Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **USP**, São Paulo, v. 0, n. 28, p.64-83, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Deuses africanos no Brasil: uma apresentação do candomblé***. 1997. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/her-axe1.htm>>. Acesso em: 22 set. 2014.

PRANDI, Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo: A velha magia na metrópole nova**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

SANTOS, Mário Carmelo Barbosa do. **Sincretismo afro-católico: Entre Oxum e Nossa Senhora do Carmo**. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Humanas, Pro-reitoria Acadêmica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Eduardo Marques da. **O candomblé como forma de resistência escrava à colonização**. Disponível em:

<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0120.html>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora Nacional. 1976.

WEBER, Max. *Economía y sociedad*. 2 tomos. México, Fondo de Cultura Económica, 1969.